

A escolha da profissão e a construção da carreira

Professor Marcello Nitz

Nossos gostos pessoais mudam ao longo do tempo. Essa transitoriedade de afinidades e preferências é ainda mais acentuada na adolescência. Junte-se a isso o fato de os jovens serem facilmente influenciáveis por amigos, professores e familiares e entenderemos o quanto a escolha da profissão é uma tarefa difícil para eles. Ao longo de toda a minha carreira como professor universitário de engenharia, tenho atuado em escolas ajudando jovens egressos do Ensino Médio a fazer essa importante escolha. As perguntas que me fazem são geralmente as mesmas. Uma palavra raramente aparece nas perguntas que me fazem e isso me preocupa, veremos adiante.

A pergunta mais frequente é com relação ao que faz o engenheiro de determinada habilitação. Nesse momento, aproveito para separar o que é formação do que é atuação profissional. Todos deveríamos saber a diferença, mas muitas vezes nos esquecemos de explicá-la para esses jovens indecisos. A maioria das profissões permite um grande número de possibilidades de atuação — a formação pode ser a mesma, mas a atuação e, por conseguinte, a carreira certamente não será. Sendo assim, o jovem deve perceber que ao escolher um curso superior ele está escolhendo uma formação, que é apenas o primeiro passo para a construção da sua carreira.

A compreensão da diferença entre formação e carreira deve servir para aliviar um pouco do peso da escolha se o jovem perceber que a carreira é construída ao longo da vida acadêmica e de toda a vida profissional podendo, portanto, ser modificada e reorientada de acordo com as tendências de mercado e preferências pessoais. Observe, por exemplo, quantas possibilidades de carreira diferentes podem ser construídas em profissões como administração e engenharia.

Ainda falando sobre a escolha da profissão, a segunda pergunta mais frequente que os jovens me fazem é “Como está o mercado de trabalho?”. Sabemos o quanto é importante o emprego para vida das pessoas, no entanto fico frustrado toda vez que essa pergunta é feita. Um jovem de 17 anos de idade terá uma vida ativa de pelo menos 40 anos e, num país como o nosso, é impossível prever a conjuntura política e econômica num prazo superior a seis meses. Percebo que muitos escolhem seu curso superior com base numa realidade do momento em que o mercado carece desse ou daquele profissional e abandonam seus sonhos. Não percebem o risco de investirem numa carreira para a qual não têm interesse nem vocação; escolhem simplesmente devido a uma perspectiva da facilidade de conseguirem um emprego. Pensar dessa forma é, a meu ver, pensar pequeno.

O jovem deve abraçar uma formação com a qual tenha afinidade, estudar assuntos que lhe despertem interesse e paixão. Se for assim, ele terá muito mais facilidade para aprender e se atualizar constantemente, construindo uma carreira brilhante. Testes vocacionais podem ajudar, mas nada substitui a investigação, a curiosidade e muita conversa para que o jovem se sinta minimamente confortável em optar por uma área.

Superada a etapa da escolha da formação, outro desafio se estabelece, que é o da construção da carreira. Absorto nas tarefas que lhe são impostas no ambiente universitário, o estudante muitas vezes desperdiça oportunidades para começar a

aperfeiçoar e desenvolver competências importantes para o mundo do trabalho. A capacidade de se comunicar eficientemente, a habilidade de trabalhar em equipe, a atitude proativa e o espírito empreendedor, sempre atento a oportunidades, são características muito importantes para qualquer profissional de sucesso e que nem sempre são desenvolvidas na universidade. Ou seja, nem tudo se aprende nas aulas, portanto o jovem deve ter em mente que essas competências são importantes e deve aproveitar oportunidades que se lhe apresentam para aprimorá-las. O universitário deve não só evoluir tecnicamente com o aprendizado de uma profissão, como deve também amadurecer e preparar-se para se relacionar, colaborar e competir.

É fácil perceber que tanto a escolha da profissão quanto a construção da carreira levam elementos do coração e da razão. Na construção da carreira, a razão predomina. Na escolha da profissão, entretanto, o coração deve falar mais alto. Por isso, frustra-me a ausência da palavra FELICIDADE nas conversas que tenho com os jovens sobre a escolha da profissão.

Marcello Nitz é Pró-Reitor Acadêmico e professor dos cursos de Engenharia de Alimentos e Engenharia Química do Instituto Mauá de Tecnologia

Jornal Diário do Grande ABC
Publicado em maio/2015